

GALERIAS DE ARTE: POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM DE ARTE

Cláudia Regina dos Anjos – EBA/UFMG
Sandra Pereira Tosta – EDUC/PUC-Minas
Gilbert Daniel – EDUC/PUC-Minas

RESUMO: Este artigo consiste em reflexões sobre imagens constituídas ao longo da nossa prática pedagógica com o ensino/aprendizagem de Arte e que nos estimularam a buscar uma compreensão mais situada desse campo de conhecimento, no cotidiano de uma escola da Rede Municipal de Belo Horizonte/MG/RMBH e em uma anti-galeria de arte denominada “Piolho Nababo”, ativa entre 2010 e 2012, no espaço Ystilingue, localizado na região central de Belo Horizonte/MG/Brasil. O objetivo da primeira pesquisa foi identificar, descrever e compreender como está sendo apropriado o ensino/aprendizagem da Arte no cotidiano da Escola Aquarela, no 3º ciclo de idade de formação. A segunda pesquisa, na anti-galeria do “Piolho Nababo”, buscou interpretar as interações de dois jovens artistas que coordenavam as exposições, nas noites de sexta-feira, no boêmio Edifício Maletta.

Palavras-chave: Galeria de Arte, ensino/aprendizagem de Arte e cotidiano.

ABSTRACT: *This article consists of reflections on images incorporated throughout our pedagogical practice with the teaching / learning of Art and stimulated us to seek a more situated understanding of this field of knowledge, the routine of a school of Municipal Network Belo Horizonte/MG/RMBH and an anti-art gallery called "Piolho Nababo", active between 2010 and 2012, Ystilingue space, located in the central region of Belo Horizonte/MG/Brasil. The objective of the first research was to identify, describe and understand as being appropriate teaching / learning art in everyday Watercolor School in the 3rd age cycle training. The second study, the anti-gallery "Piolho Nababo", tried to interpret the interactions of two young artists who coordinated the exhibition, on the night of Friday, the bohemian Maletta Building.*

Keywords: *Art Gallery, teaching / learning art and everyday life.*

Este artigo consiste em reflexões sobre imagens constituídas ao longo da nossa prática pedagógica com o ensino/aprendizagem de Arte e que nos estimularam a buscar uma compreensão mais situada desse campo de conhecimento, no cotidiano de uma escola da Rede Municipal de Belo Horizonte/MG/RMBH e em uma anti-galeria de arte, denominada “Piolho Nababo”, ativa entre os anos de 2010 e 2012, no espaço Ystilingue, localizado na região central de Belo Horizonte/MG/Brasil¹.

Assim, o objetivo da primeira pesquisa foi identificar, descrever e compreender como está sendo apropriado o ensino da Arte no cotidiano de uma escola pública, por nós, chamada de Aquarela, especificamente no 3º ciclo de idade de formação, a partir das definições, pressupostos e indicações pedagógicas presentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN 9394/96, nos Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN/Arte e no Programa Escola Plural. A segunda pesquisa realizada na anti-galeria do “Piolho Nababo”, buscou interpretar as interações de dois jovens artistas que coordenavam as exposições, nas noites de sexta-feira, no boêmio Edifício Maletta. Os dois jovens em questão se revelaram, nos imponderáveis da pesquisa, professores de Arte em uma ONGs Organizações não governamentais. O pesquisador procurou compreender quem eram esses jovens artistas/professores, quais significados compartilhavam e como interagiam em seu trabalho.

As pesquisas foram de natureza qualitativa, uma delas se configurou em um Estudo de Caso desenvolvido na Escola Aquarela, realizado entre os meses de março a agosto de 2007 e permitiu a compreensão da realidade a partir dos sujeitos estudados, no seu tempo e espaço e no seu contexto. Foram usadas técnicas de investigação tais como: observação sistemática do cotidiano da escola; observação participante; coleta de depoimentos orais; pesquisa documental junto ao acervo da Escola e de outras fontes e entrevistas semi-estruturadas. A pesquisa na anti-galeria de arte, se configurou em uma etnografia realizada durante o primeiro semestre de 2012, quando o pesquisador fez uso de observação participante, entrevistas abertas com os organizadores da anti-galeria de arte, com outros frequentadores e com o proprietário e idealizador do espaço Ystilingue. Na realização da etnografia, também foram produzidos registros fotográficos de modo a classificar e observar regularidades do evento.

A pesquisa na Escola Aquarela buscou, assim, aprofundar os modos de compreensão da arte como área de conhecimento e como a escola se organiza em relação aos tempos e espaços para o ensino/aprendizagem de Arte. E se as práticas realizadas são significativas como aquelas que reconhecem e potencializam as

culturas dos estudantes e da comunidade do entorno. Já a etnografia na anti-galeria possibilitou entrar em contato com expressões visuais contraculturais que muito inspiraram o pesquisador a renovar suas práticas em sala de aula. Uma vez que este também é professor em escola da rede municipal de Belo Horizonte, os contatos com os artistas e frequentadores do “Piolho Nababo”, foram fecundos e propiciaram encontros com diversas formas de arte: fanzines, cartazes lambe-lambe², pinturas, pichações, ações coletivas. Esses encontros ampliaram as possibilidades do professor perceber e conceber a arte e a relação com os jovens alunos nas aulas dentro dos muros da instituição escolar.

Em vista dos limites deste texto, privilegiamos a discussão da galeria de arte enquanto tempo e espaço potentes no processo de ensino/aprendizagem de Arte, tomando como referências empíricas as pesquisas realizadas na escola e na anti-galeria “Piolho Nababo”. E abordamos, também, como o caráter dinâmico, aberto e inacabado dos processos artísticos se inter-relacionam com a cultura escolar e com o ensino/aprendizagem de Arte. Em outros termos, como os sistemas artísticos estão entrelaçados e se constituem como redes para a construção do conhecimento em Arte.

GALERIA DE ARTE NA ESCOLA AQUARELA

A construção da Escola Aquarela foi o resultado da reivindicação de moradores do bairro onde está localizada na região nordeste da capital mineira. Segundo depoimentos coletados durante a pesquisa, a região não tinha uma escola municipal e as crianças e adolescentes tinham que se locomover para os bairros vizinhos para serem atendidos no ensino fundamental e as famílias demandavam o atendimento no próprio bairro. A Escola Aquarela foi inaugurada em julho de 1991.

A Galeria de Arte foi criada em 1999 e, segundo a professora Rosa³, isto ocorreu a partir de sua preocupação na conservação dos trabalhos dos estudantes e para que a comunidade escolar pudesse tomar conhecimento de tal produção por meio da exposição dos trabalhos. Essa preocupação está traduzida no projeto de criação da

Galeria de Arte na medida em que defende que os estudantes e comunidade devem ter acesso a uma galeria de arte com nome, normas e critérios semelhantes aos de uma galeria profissional e de qualidade.

Dessa forma, não houve, num primeiro momento, uma preocupação por parte da professora Rosa, em definir a Galeria de Arte como espaço/tempo de aprendizagem em Arte. Porém, em depoimentos da professora fica claro que ela considera esse espaço/tempo, também de aprendizagem em Arte, particularmente, quando ela remete à exposição das turmas em que a professora Laranja- a outra professora de Arte da escola, para atender todas as turmas, e afirma que os alunos estão fazendo ficção, ou seja, o diálogo entre teoria e ficção. (Entrevista realizada abril-outubro de 2007). Com efeito, notamos que o trabalho com ficção é uma prática constante da professora Rosa.

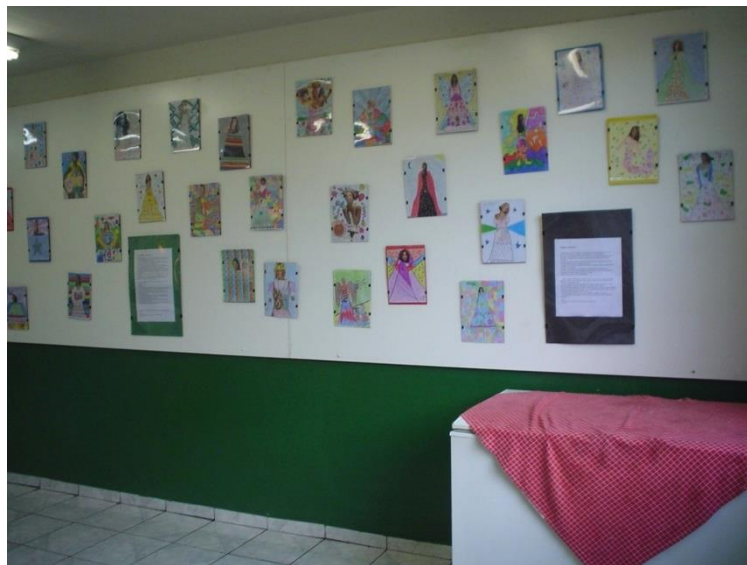


FIGURA 1: A Galeria de Arte.

Fonte: Cláudia Regina dos Anjos

Sendo assim, a discussão neste texto sobre a Galeria de Arte na Escola Aquarela perpassa as discussões mais contemporâneas sobre o processo de ensino/aprendizagem em Arte, especificamente, aqueles espaços/tempos dentro e

fora da escola, como galerias, museus, centros culturais etc.; a diversidade cultural e de expressão artística e estética; o acesso à arte; o estreitamento dos diálogos entre escola e comunidade a partir das produções artísticas dos estudantes. A professora também acredita que, por meio de uma galeria de arte, é possível o aprimoramento estético. E é também uma das formas de alcançar a qualidade de vida, porque possibilita um espaço de contato direto com as diferentes manifestações de arte.

Rosa revelou, ainda, que o espaço da galeria foi planejado para estreitar o diálogo entre escola e comunidade, por meio das produções artísticas dos estudantes. E o lugar para acolher essa galeria seria o espaço da cantina porque possuía uma boa iluminação, paredes simples, e fluxo constante de público. Em entrevista, a professora reforçou a importância da galeria como espaço de formação, porém, ficou pesada pelo fato de muitas pessoas não irem às exposições e de muitos professores que não vão ver, ler e apreciar. Mas, afirma que “quem vai aprende”. (Entrevista realizada 14/05/2007).

No primeiro dia de campo, durante o recreio, foi observada uma grande parte de estudantes reconhecendo seu trabalho na exposição, bem como comentando sobre os mesmos. Chamavam a atenção para detalhes e diferenças entre os trabalhos, interagiam com o público presente respondendo com satisfação e alegria às perguntas feitas.

Também foi notado nos trabalhos expostos a forma e o conteúdo dos mesmos. Ao que parece todos os estudantes que realizaram o trabalho ali exposto começaram as suas construções a partir de um recorte do rosto humano retirados de revistas. Grande parte desses rostos era de celebridades femininas. Primeiramente, esse rosto foi colado; em seguida os estudantes foram desenhando o restante do corpo: a figura humana centralizada na superfície e sobressaindo em relação ao fundo. O fundo foi trabalhado de forma diversificada. Cinco dos trabalhos continham mais de um rosto, variando entre feminino/masculino, feminino/feminino. Havia somente um com quatro rostos, todos femininos. Alguns com muito movimento, outros com menos e outros sem movimento. Todos tinham muitas cores e cores fortes, vibrantes. Mas poucos dos trabalhos saíram da apresentação do corpo humano, ou

seja, colagem do rosto e complementação da estrutura do corpo com vestimenta. Nas imagens não havia qualquer espaço em branco, mas muitas formas e desenhos. Em nenhum trabalho foi utilizado somente o recurso de cores, mas a cor foi o elemento preponderante no trabalho dos estudantes, como mostra a Figura 2.



FIGURA 2: Painel da Galeria de Arte: detalhe.

Fonte: Cláudia Regina dos Anjos

Outra observação é que o trabalho das duas professoras de Arte, Rosa e Laranja, são muito semelhantes. Ambas trabalham com a história e obra de grandes artistas e com o registro da análise das obras e da vida dos artistas. Trabalham com a produção de uma ficção e uma releitura da obra estudada. Todavia, de acordo com a observação realizada, essa releitura é praticamente a reprodução fiel da obra.

Essa metodologia de trabalho está se consolidando a cada dia- o que fica explícito no depoimento da professora:

Agora é muito legal porque a Galeria de Arte não deixa de ser uma forma de troca, porque, por exemplo: eu estou tendo a exposição que lá agora tá lá, da professora Laranja. Ela já introduz ficção no trabalho dela, que até então não existia antes da exposição dos Cânones da figura humana. Cânones são o quê? Os meninos criaram uma ficção, uma historinha, tendo a teoria dos Cânones, é introduzida dentro da história, eles fizeram um diálogo entre a teoria e a ficção. O trabalho da Laranja agora, também aparece o texto de ficção, ou seja, é um espaço de formação, quem vai ali ver, que não é muita gente, infelizmente, não tem muitos professores que vão lá pra ver, ler e tudo, mas quem vai ler, aprende, é um espaço de formação também indireta (Entrevista realizada em abril-outubro de 2007).

A disposição das obras na exposição é um dos conteúdos a ser desenvolvido nas aulas de Arte. No entanto, durante as observações na escola não percebemos movimentos e ações para esse ensino. Em outros termos, o ensino da Arte apresenta-se de forma incoerente, pois, ao mesmo tempo em que se cria um espaço diferenciado na escola para o desenvolvimento desse ensino, no caso em foco as ações para isso se desencadeiam de forma única e homogênea. Presenciamos, por exemplo, o mesmo formato de exposição por quatro vezes.

Quando da observação em sala de aula, registramos que, em vários momentos, a professora convidava os estudantes para ver a exposição, sem que fosse feito qualquer outro trabalho referente à Galeria de Arte e à sua apropriação, enquanto tempo/espaço de aprendizagem.

Fato é que, considerar a Galeria de Arte como espaço/tempo de aprendizagem em Arte seria um caminho profícuo para o ensino da Arte. Em uma exposição, seja de obras originais, seja de reproduções e trabalhos escolares, uma das principais ações do estudante ou visitante é a observação, que é um elemento fundamental na aprendizagem da Arte, como nos afirma Ott

a observação é um dos elementos fundamentais da investigação em ambas as áreas: artística e científica. Alunos que observam arte em galerias e museus estão engajados em uma forma de pesquisa

artística que exerce um papel essencial na arte/educação. (OTT, 2002, p. 123).

Nesse, sentido, a galeria seria um espaço/tempo de aprendizagem em arte com a característica de não somente expor os trabalhos realizados pelos estudantes em local de acesso a outras pessoas, mas, sobretudo, de proporcionar que esses estudantes interajam com essa exposição e, a partir dela, elaborem outros trabalhos e a usem, inclusive, como estratégia para se comunicar com a comunidade, bem como com os artistas locais.

Um ponto importante a ressaltar é o fato de possibilitar ao estudante olhar, comparar, identificar elementos nos trabalhos expostos Galeria de Arte. Mesmo sem uma orientação específica esta postura já é um ato educativo, pois, ao se dirigir à exposição comentando, comparando e identificando, o estudante aciona vários mecanismos que se constituem como processos de aprendizagens, inclusive em Arte.

Outro aspecto é a forma de organização das exposições na Galeria de Arte. A exposição, como um todo, revela as atividades desenvolvidas sobre o tema. Há também o texto construído pela professora, sistematizando o processo vivenciado pelos estudantes. A exposição, assim, é uma tentativa de demonstrar o caminho percorrido por estudantes e professores ou o processo que foi vivenciado e desenvolvido com os estudantes para se chegar ao produto ali materializado. Esses são recursos que podem se configurar como estratégias de ensino/aprendizagem em Arte.

GALERIA PIOLHO NABABO

Não há como falar do Piolho Nababo sem primeiro fazer referências, ainda que breves, ao Edifício Maletta, como também ao espaço Ystilingue.

Situado no hipercentro de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, cidade planejada pelo traço positivista do final do século XIX, o Condomínio Archângelo Maletta representou nos anos 1960, espaço boêmio para o qual convergiam intelectuais, jornalistas, artistas, prostitutas e estudantes universitários. O restaurante “Cantina do Lucas” ficou famoso por ser um lugar de resistência contra as investidas de agentes de repressão, disfarçados de estudantes, durante os anos mais duros dos governos militares, especialmente depois do Ato Institucional Nº 5, em 1968. Nessa resistência, o garçom Olympio Pérez Munhoz, ou simplesmente, Seu Olympio, teve protagonismo indiscutível (FORTES; BRANT, 2005).

Desde o ano 2001, a sobreloja 35 foi local para reunião de diversos coletivos interessados em práticas anticapitalistas. Batizado inicialmente como Espaço Estilingue, nesse espaço houve a articulação de grupos que discutiam vegetarianismo, hacker ativismo e mídia independente, teatro, poesia e intervenção urbana. A ideia era que ninguém poderia usar o espaço de modo a dificultar o acesso de outros que ali se reunissem segundo lógicas de abertura e autogestão.

Relembrando como começou o funcionamento do Piolho Nababo no Ystilingue, D.⁴ afirmou o seguinte em nossa conversa, ao situar como B., o proprietário da sobreloja 35, ficou “inteirado” do assunto:

D.: - Foi um processo intuitivo.

Pesquisador: - Como foi a conversa com o B.?

D.: - Não tinha diálogo.

Pesquisador: - Pra começar o Piolho tinha que ter uma conversa com o B.?

D.: - Teve diálogo com o cara que tava com a chave do B.. Ele viajou e eu fiquei com a chave. Aí, depois que começou a rolá as reunião, o B. ficou inteirado.⁵

Usando uma expressão ouvida repetidas vezes no campo de pesquisa, podemos dizer que o Piolho Nababo surgiu “na tora”, isto é, sem maiores elucubrações, sendo o resultando de uma oportunidade, uma situação aparentemente casual que possibilitou o início das exposições. A forma como o nome Piolho Nababo surgiu,

também é outro exemplo que ilustra bem os contextos nos quais a anti-galeria ao poucos se tornou realidade.

Ah meu filho, a mesma coisa do Piolho Nababo é o nome também. É a mesma onda... Juntô... Demorei uns dois meses para entender o porquê do nome. Juntou tipo três poeta, dois poetas e eu, sentamo numa mesa de bar assim, “ah precisa criar um nome pra essa exposição aqui, que tem que ter um nome. E eu já selecionei a galera, chamei todo mundo, tinha chamado o Xerel, o Estandelau”, que ele deu o bolo o (risos) Ele topou a ideia... mas, você lembra? [pergunta a F.], deu o bolo na alta, aí nem demorô, tinha esse poeta, tinha o Godofu, tinha mais uns cara lá que eu num lembro. Aí fui montano os artista né, liguei pra todo mundo. Aí quando era o nome... Aí o cara, chegou o primeiro poeta: “ah, vamo pô ‘vaca’...”, não sei o quê, vaca tal. Eu falei, puta merda... ruim pra caraio. Aí o outro: “ah não, vamo pô Piolho Nababo”, aí não, fechô. Eu não tinha entendido... vai ser Piolho Nababo. Aí, rolou a primeira exposição.⁶

Levando-se em conta esses contextos de expressões gráficas urbanas como o grafite, a pixação e o lambe-lambe, a anti-galeria do Piolho Nababo se constituiu como uma proposta aberta a variadas formas de apropriações urbanas. Contextualizando o pôster lambe-lambe, podemos dizer que ele é um suporte da publicidade muito usado para a divulgação de serviços, produtos, eventos e propaganda política. Sua presença é fácil de ser notada pelas ruas dos centros urbanos. Em meio a essas práticas de deslocamento pela cidade, muitos dos jovens artistas pesquisados configuraram redes de sociabilidades nas apropriações do espaço público. É nessa perspectiva de interação e abertura que os dois sujeitos da pesquisa, D. e F., passaram a ocupar a sobreloja 35 do Edifício Maletta, espaço lendário da contracultura desde o começo dos anos 2000.

Nesse espaço, a cada noite de sexta-feira, entre os anos de 2010 e 2012, artistas expuseram suas obras. Ao lado das exposições semanais, todo um acervo se acumulava pelas paredes, piso e teto da galeria. Chegou um momento em que o artista da semana se misturava com obras do acervo, de tal modo que o excesso de informação visual dificultava a fruição do acervo. D e F fizeram do espaço Ystilingue, território para ações irreverentes, em uma mistura de bar e galeria.

Após suas primeiras e caóticas edições em 2010, a galeria seria reformulada para que um pouco de organização possibilitasse uma visibilidade mínima dos artistas expostos na semana. Assim, a galeria foi dividida da seguinte maneira: nos fundos da loja, ao lado da escada do mezanino, a parede foi nomeada como “Nababo”, na qual os artistas da semana eram expostos; nas outras paredes, mesas, estantes, piso e teto, o acervo ficava exposto no “Piolho”. Esses dois ambientes, “Piolho” e “Nababo”, passariam, então, a configurar ainda uma deliciosa desordem visual, mas que, pelo menos, podia ser apreciada e melhor compreendida visualmente por quem ali adentrasse.



FIGURA 3 – Parede “Nababo”

Fonte: Piolho Nababo, 2012



FIGURA 4 – Paredes “Piolho” com o acervo da anti-galeria

Fonte: Piolho Nababo, 2012

Essa configuração abriu caminho para um formato de anti-galeria que ganhou diversas reportagens em revistas e *sites* de eventos. Ao longo de 2011 e até a saída do Ystilingue, em junho de 2012, o Piolho Nababo conseguiu influenciar novas galerias que seguiram a receita de “muitas obras e preço baixo”, reinventando o Piolho, de um modo não tão radical, mas se inspirando nessa radicalidade.

A efervescência das noites de sexta-feira nas exposições do Piolho Nababo foi fonte vital de inspiração para a prática em sala de aula. Sobretudo, a pesquisa de campo junto aos frequentadores no Edifício Maletta foi um aprendizado vital para ampliar os diálogos com os jovens alunos em sala de aula, uma vez que a observação participante capacitou o professor a escutar com mais cuidado como os jovens alunos se expressavam.

Além das exposições, foram observadas edições do Leilão de Arte R\$1,99, no Bar Nelson Bordello, localizado também no hipercentro de Belo Horizonte. Esse leilão consiste na escolha aleatória de desenhos, pinturas, gravuras para arremate. Todas as obras do Leilão pertenciam ao acervo da anti-galeria. Os lances começam no

valor de R\$1,99, mas alguns deles alcançavam valores de R\$50 a R\$100,00. O leiloeiro usava uma peruca e óculos escuros. A cada lance arrematado um martelo de brinquedo era batido no chão, finalizando a venda de modo irreverente. Segue-se a escolha de outra obra a ser exibida para o público e novos lances eram anunciados.

A partir dessas observações e interações construídas com os freqüentadores do Leilão, foi possível criar um leilão em sala de aula, com as turmas do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de ensino. O professor se articulou junto a outros professores, juntamente com a coordenação e direção escolares, de modo a viabilizar tal ação. Nessa experiência, os alunos comprariam as obras do leilão usando notas coloridas por eles mesmos. Os alunos recebiam uma folha no formato A4, na qual havia a impressão de 10 cópias de notas de R\$1,00. Durante duas semanas os alunos puderam colorir o dinheiro. Na medida em que conseguiam preencher com cores a folha, recebiam mais uma, de modo que, aqueles que mais colorissem, poderiam reunir maior quantidade de “dinheiro” para o Leilão.

Nas aulas em que o Leilão ocorreu, houve grande envolvimento dos alunos, e muitos lances foram disputados na tentativa de adquirir fotografias, desenhos, fanzines, jogos de tabuleiros, entre outros. Foi uma grande festa, naquele sentido conceituado por Michel de Certeau, quando esse autor nos fala da cultura como uma grande festa, na qual cada um participa intensamente e se vive o momento na interação e na invenção do cotidiano. (CERTEAU, 1994).



FIGURA 5: Produção do dinheiro para o leilão em sala de aula

Fonte: Gilbert Daniel da Silva, 2012.

Esses dados demonstram como as observações e interações produzidas e registradas pela etnografia realizada na anti-galeria do Piolho Nababo possibilitaram novas ações pedagógicas. Desse modo, o professor se inspirou naquilo que aprendeu com seus pesquisados e transformou sua ação pedagógica, inovando suas práticas e mobilizando os alunos em torno do Leilão. Esse quadro sugere que o campo da pesquisa etnográfica é também espaço de aprendizagem, também para o pesquisador. Em seu envolvimento com os pesquisados, o antropólogo busca conhecer e compreender a cultura dos nativos. Nesse processo há trocas de saberes, mas, muitas das vezes, o aprendiz é o pesquisador. Uma vez compreendida minimamente as culturas nativas, o antropólogo buscará interpretar essas culturas, tal como nos ensinou Geertz (2012).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os resultados apontam que a Arte como área de conhecimento constitui-se em um desafio na formação do estudante, principalmente, no que diz respeito ao estreitamento das relações com a comunidade e com a cidade.

Ambas as pesquisas sinalizam, também, as dificuldades de se constituir espaços para exposições de arte. No caso da Escola Aquarela a professora teve que reunir esforços para viabilizar uma galeria no local da cantina da escola. Sua luta foi no sentido de consolidar um ambiente próprio para a fruição estética dentro do espaço escolar, em que pese a cantina não ser um local específico para hospedar trabalhos artísticos ou obras de arte. No caso da anti-galeria do Piolho Nababo, ela só se tornou uma realidade, por ter se instalado em um espaço aberto, autogerido por artistas e outros frequentadores. As experiências narradas neste texto demonstram como os espaços voltados para as artes visuais carecem de maiores investimentos em termos de formação e de reflexão, como aprendizagem permanente sobre o trabalho docente e sua repercussão na comunidade escolar.

NOTAS

¹ Este artigo é baseado na palestra dos autores realizada em 2013 no Seminários EDUC- Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Culturas, do PPG- Educação da PUC- Minas, cuja coordenadora é a orientadora das dissertações revisitadas no evento.

² Cartazes com mensagens publicitárias ou contraculturais colados pelas superfícies das cidades.

³ Nome fictício da professora pesquisada que idealizou e criou a Galeria de arte na Escola Aquarela.

⁴ Os pesquisados serão identificados apenas por uma letra, de modo a preservar suas identidades.

⁵ Entrevista gravada no edifício Maletta, dia 7 jun. 2012.

⁶ Entrevista gravada no edifício Maletta, dia 7 jun. 2012.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Cláudia R. **Caderno de campo 1 e 2**: entrevista com a professora Rosa. Abril a outubro de 2006.

_____. **Imagens visíveis, imagens invisíveis**: um estudo de caso sobre o ensino da Arte numa escola da rede Municipal de Belo Horizonte. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BRASIL. Lei n. 9394/96 – 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**:1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ; Vozes, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 2012.

FORTES, Liana; BRANT, Fernando. **Coleção Gente – Fernando Brant**. Belo Horizonte: Editora Rio, 2005.

OTT, Robert William. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte-Educação: leitura no subsolo**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Gilbert Daniel da. **Educação e Juventude** – os saberes de quem cola e os saberes da escola: uma etnografia da anti-galeria de arte Piolho Nababo em Belo Horizonte – MG. 2013. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Cláudia Regina dos Anjos

Graduada em Desenho e Plástica pela ESAP/FUMA, mestra em Educação pela PUC/Minas e doutoranda pela Escola de Belas Artes/UFMG. Professora de Arte da Rede Municipal de Belo Horizonte. Integrante do Grupo Articulador do Fórum Mineiro e Fórum Metropolitano de EJA. Pesquisadora do EDUC/PUCMINAS e membro do Grupo de pesquisa Ensino de Arte e novas tecnologias da EBA/UFMG. Email: creginaa@gmail.com.

Gilbert Daniel da Silva

Graduado em Desenho e Plástica pela EBA/UFMG e mestre em Educação pela PUC-Minas. Professor de Arte da Rede Municipal de Belo Horizonte. Pesquisador do EDUC/PUC-Minas. Email: gilbert_daniel@oi.com.br

Sandra Pereira Tosta

Graduada em Comunicação Social, mestre em Educação e doutora em Antropologia Social pela USP. Professora do PPG em Educação e da Faculdade de Comunicação e Artes- da PUC- Minas. Coordenadora do EDUC- Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Culturas. sandra@pucminas.br – sandra.tosta@pq.cnpq.br.